



EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

Cálculos e mais cálculos, números e mais números e quase vivemos de calculadora em punho num deambular de contas que queremos que sejam de somar e multiplicar e tirar assim o maior número de “dividendos” possíveis; e temos de produzir e adquirir pois, na maior parte dos casos, o que importa é a quantidade e, à conta de uma quantidade que se quer atingir lá se esvai a qualidade! Mas a vida não se quantifica como se de uma produção qualquer se tratasse!

E “a vida não é existir sem mais nada, dia sim e dia não”; não é para se somar ou multiplicar, mas para se viver; não é, nem pode ser, uma “coleção” de mais isto ou aquilo, de coisas e realidades que, por mais importantes que sejam, não servem de “artes decorativas” como se de troféus se tratassem em estantes empoeiradas pelo tempo.

Não somos colecionadores de experiências, mas gente que faz das experiências vida no concreto de cada batida do coração. E quando pensamos que já tudo possuímos, que temos a plenitude da posse do “objecto”, esbarramos com a pequenez do que temos e somos; afinal o que somos e temos é tão pequeno e frágil que nem a um grão de mostarda chega, daí que não consigamos “mover montanhas”, mas importa não desistir pois, se não formos capazes de “mover montanhas”, que nos movamos a nós mesmos, e aqui está o segredo: que nos movamos para algo de mais profundo, bom e belo, que nos faça apostar cada vez mais nesta busca constante da verdade e autenticidade; que nos movamos dos desertos inférteis onde nada de novo nasce, das zonas escuras de uma fé, tantas vezes feita religiosidade desencarnada do concreto da realidade; que nos movamos para uma nova forma de ser e de estar neste mundo e nesta Igreja que, sinodalmente, é chamada a ser discípula missionária.

Afinal, mais importante que “mover montanhas” é movermo-nos: é a “geografia” do que somos, como pessoas e como cristãos, que devemos mover. E porque não nos “movemos” a nós mesmos, não “movemos montanhas”, por isso, Mestre “aumenta a nossa fé”, aumenta-a não em quantidade mas em qualidade! Aumenta a qualidade da minha escuta, da minha disponibilidade, da minha capacidade de ser e viver em Ti!

Aumenta a minha possibilidade de viver pautado pela Tua Palavra e alimentado pela Tua Mesa feita Eucaristia!

E todos reivindicamos “aumentos”; todos queremos ser “aumentados”, mas apenas e só naquilo que proveitos e direitos nos traz, um aumento nem sempre acompanhado de uma “produção” de qualidade que faça jus ao “aumento” ou àquilo que já beneficiamos e, no Reino de Deus, após termos “cumprido” a tarefa e a missão, não podemos correr o risco de esperar pelos “louros” ou pelos respectivos “dividendos”: há que reconhecer que, afinal, apenas e só fizemos o que a todos e a cada um competia: a vida é missão e a missão é vida, portanto, “servos inúteis”, mas a nossa “inutilidade é mais que precisa! E, como canta o “Restolho” de Mafalda Veia, vivemos apenas “pra receber daquilo que aumenta o coração”.

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

PALAVRA COM VIDA

XXVII DOMINGO DO TEMPO COMUM

Ano C

1ª Leitura
Habacuc 1, 2-3; 2, 2-4
«O justo viverá pela sua fé»

2ª Leitura
2 Timóteo 1, 6-8.13-14
«Não te envergonhes de dar testemunho de Nosso Senhor»

Evangelho
São Lucas 17, 5-10
«Se tivésseis fé!»

Na Palavra de Deus que hoje nos é proposta, cruzam-se vários temas, nomeadamente a fé, a salvação, a radicalidade do “caminho do Reino”, contudo sobressai a reflexão sobre a atitude correcta que devemos assumir face a Deus. As leituras convidam-nos a reconhecer, com humildade, a nossa pequenez e finitude, a comprometer-nos com o “Reino” sem cálculos nem exigências, a acolher com gratidão os dons de Deus e a entregarmo-nos confiantes nas suas mãos.

Na primeira leitura, o profeta Habacuc interpela Deus, convoca-O para intervir no mundo e para pôr fim à violência, à injustiça, ao pecado. Em resposta, Deus confirma a sua intenção de actuar no mundo, no sentido de destruir a morte e a opressão, mas dá a entender que só o fará quando for o momento oportuno, de acordo com o seu projecto; ao homem, resta

confiar e esperar pacientemente o “tempo de Deus”. No Evangelho, somos convidados, enquanto discípulos de Jesus, a aderir, com coragem e radicalidade, a esse projecto de vida que, em Jesus, Deus veio oferecer ao homem. A essa adesão chama-se “fé”; e dela depende a instauração do “Reino” no mundo. Os discípulos, comprometidos com a construção do “Reino” devem, no entanto, ter consciência de que não agem por si próprios: eles são, apenas, instrumentos através dos quais Deus realiza a salvação. Resta-lhes cumprir o seu papel com humildade e gratuidade, como “servos que apenas fizeram o que deviam fazer”.

Com frequência, somos muito ciosos dos nossos direitos, dos nossos créditos, daquilo que nos devem pelas nossas boas acções. Quando transportamos isto para a relação com Deus, construímos um Deus que não é mais do que um contabilista, que escreve nos seus livros os nossos créditos e os nossos débitos, a fim de nos pagar religiosamente, de acordo com os nossos merecimentos. Na realidade - diz-nos o Evangelho de hoje - não podemos exigir nada de Deus. É nesta atitude que o discípulo de Jesus deve estar sempre.

A segunda leitura convida-nos a renovar cada dia o nosso compromisso com Jesus Cristo e com o “Reino”. De forma especial, o autor exorta os animadores cristãos a que conduzam com fortaleza, com equilíbrio e com amor as comunidades que lhes foram confiadas e a que defendam sempre a verdade do Evangelho.

SABIAS QUE...



Papa Francisco (à drta.) com um dos patriarcas de uma das igrejas católicas orientais

A Igreja Católica é, actualmente, constituída por 24 Igrejas autónomas “sui júris”? A Igreja Católica é uma grande comunhão de 24 Igrejas, sendo uma ocidental e 23 orientais.

O ramo ocidental é representado

pela tradição latina da Igreja Católica Apostólica Romana, sendo que as restantes 23, orientais, tendo fiéis espalhados por todo o mundo, têm maior expressão e presença nos locais onde surgiram.

Todas estas 24 Igrejas que compõem a Igreja Católica são consideradas “sui júris” pois sendo autónomas para legislar, independentemente, o seu rito, disciplina e terem as suas próprias tradições culturais, teológicas, litúrgicas e organização territorial, professam a mesma e única fé (unidade na fé), mantendo-se em comunhão completa entre si e com a Santa Sé. No caso dos fiéis do rito latino, os mesmos são guiados, directamente pelo Papa Francisco que, sendo bispo de Roma, é, também, líder de toda a grande comunhão da Igreja Católica nas suas diversas tradições.

Fonte: pt.aleteia.org



POR CÁ

Novo Ano Pastoral arrancou ontem

Sob o lema de “A beleza de caminharmos juntos em Cristo”, toda a Igreja Diocesana iniciou ontem, Domingo, mais um Ano Pastoral, um ano que marca o arranque de uma Caminhada Sinodal. Embora se revista de novidade, este ano, na verdade, prossegue a dinâmica pastoral que se funda-

menta no Concílio Vaticano II. Esta metodologia que pretende mobilizar todos os baptizados a se integrarem na comunidade cristã e nela participarem de forma activa, assenta na realidade da Igreja Povo de Deus, a viver a Comunhão e a ser corresponsável pela missão da Igreja.

Serviço da Pastoral Juvenil reuniu com Bispo Diocesano

Na passada Segunda-feira, dia 30 de Setembro, a Equipa do Serviço Diocesano da Pastoral Juvenil reuniu com D. João, Bispo Diocesano. Para além de enquadrar a Pastoral Juvenil na Caminhada Sinodal que agora se inicia na Diocese, este encontro serviu para apresentar ao Bispo Diocesano o projecto que este Serviço Diocesano delimitou para os próximos três anos, o tempo que nos separa da realização da Jornada Mundial da Juventude a realizar-se em Lisboa em 2022, um projecto que assenta numa caminhada progressiva, encarnado nas diversas realidades da Diocese, tendo sempre presente a Caminhada Sinodal que ora se inicia. Na ocasião, o Director Diocesano da Pas-

toral Juvenil, Pe. Norberto Brum, revelou que todo o projecto assenta em quatro grandes pilares: As Orientações Diocesanas de Pastoral, o “Documento Laboris” do Sínodo sobre os Jovens, as Conclusões do referido Sínodo e a Exortação Pós-Sinodal “Cristo Vive”, do Papa Francisco. Foi manifestado por aquele Serviço a necessidade e intenção de passar-se de uma “pastoral de eventos” para uma “pastoral de projectos”.

Por seu lado, D. João Lavrador, pediu à Equipa que não perdesse a consciência de que é um “Serviço Diocesano” e propôs uma verdadeira metodologia de trabalho que assenta no ver, pensar, propor, incentivar e exigir.

POR LÁ

Papa institui Domingo dedicado à Bíblia



O Papa Francisco anunciou na passada Segunda-feira, a instituição de um “Domingo da Palavra de Deus”, celebração anual nas comunidades católicas que visa promover a “familiaridade” com a Bíblia.

A celebração vai acontecer no III Domingo do Tempo Comum do calendário litúrgico, e visa “a celebração, reflexão e divulgação da Palavra de Deus”.

“O dia dedicado à Bíblia pretende ser, não ‘uma vez no ano’, mas uma vez por todo o ano, porque temos urgente necessidade de nos tornar familiares e íntimos da Sagrada Escritura e do Ressuscitado, que não cessa de partir a Palavra e o Pão na comunidade dos cren-

tes”, precisa o Papa.

“Escutar as sagradas Escrituras para praticar a misericórdia: este é um grande desafio lançado à nossa vida. A Palavra de Deus é capaz de abrir os nossos olhos, permitindo-nos sair do individualismo que leva à asfixia e à esterilidade enquanto abre a estrada da partilha e da solidariedade”, continuou o Papa.

Francisco encerra a carta apostólica que institui este “Dia” com votos de que este “Domingo dedicado à Palavra faça crescer no povo de Deus uma religiosa e assídua familiaridade com as sagradas Escrituras”.

Esta celebração anual vai ser assinalada pela primeira vez a 26 Janeiro 2020.

ENTRE NÓS...



Olá amigo! Cá estamos nós para mais uma conversa!

É que bom é estarmos, uma vez mais, neste espaço Afetos que estreia hoje o seu renovado formato!

Pois bem: ano novo, vida nova; e nada melhor que iniciar um novo ano pastoral do que com uma nova dinâmica e imagem!

Falando no arranque do ano Pastoral que ontem começou, sabes decorreu este fim-de-semana, o II Shalom Diocesano?

Sou um leitor atento do Afetos e das actividades do Serviço Diocesano de Apoio à Pastoral Juvenil (SDAPJ) e não só sei que decorreu mais um Shalom Diocesano como o mesmo se realizou na bonita ilha das Flores.

Muito bem! Estou a ver que és um dos nossos muitos e fiéis leitores que seguem

o Afetos.

Mas já que falamos de Shalom Diocesano, tendo eu, por mais que uma vez, lido, aqui, testemunhos convictos e apaixonados de jovens que participaram em anteriores retiros Shalom, tenho algumas dúvidas sobre este assunto...

Amigo, é com todo o gosto que te procurarei esclarecer, contudo, e em primeiro lugar, se me permitires, gostaria de te fazer uma correcção... Shalom é uma vivência, logo, todos os jovens que testemunharam a sua vivência não participaram, mas antes VIVERAM Shalom!

Sim, esta é logo uma das minhas primeiras dúvidas. Quem vive Shalom parece que, naqueles três dias, ganha uma nova alma, uma nova vida e, nunca revelando o que realmente

viveu, dá testemunho de uma fé enérgica, viva e activa... o que fazem em Shalom?

Todos nós, jovens e menos jovens, nas nossas vidas, no nosso trabalho, nas nossas actividades sentimos que, de quando em vez, é necessário parar e fazer um balanço do que fomos e somos, da nossa existência...

Às vezes penso nisso, mas no corrúpio que é a nossa vida nunca tenho tempo para essa reflexão...

Ora aí está! Shalom é, primeiramente, aceitar embarcar numa viagem para a qual não podemos, nem devemos, ter pressas! É estar disponível, com tempo e confiança, para olhar para o fundo de nós. É ter capacidade para avaliarmos e não ter medo daquilo que possamos não gostar de ver.

Mas continuas a não dizer o que em concreto fazem...

E nós, jovens cristãos, não podemos deixar de fazer esta reflexão sem a presença do Deus que nos anima o espírito. E esta é a segunda ideia chave da vivência do Shalom: é viver, em plenitude, esta nossa relação com Deus, é ver em Jesus aquilo que Ele é, um Amigo vivo, presente, que nos aponta um caminho, que nos escuta, que nos levanta, que acredita, sempre, mas sempre, em nós, que nunca desiste de nós, perdando-nos infinitamente.

Lá está, já estás a falar como os jovens que vivem Shalom...

Talvez porque, também eu, há já alguns anos vivi o meu Shalom e, mais importante, continuei e continuo a viver, diariamente, o meu Shalom, estando, aqui, o terceiro importante ponto do Shalom!

Aqueles três dias são vividos intensamente e em comunhão com os irmãos que conosco vivem Shalom e com aqueles que, dando tanto de si, participam na organização e orientação daquele retiro, contudo, a vivência mais importante é aquela que se inicia com o nosso regresso à vida “de cá de fora” pois aí tudo à nossa volta continuará igual como na Sexta-feira em que iniciamos o retiro, nós é que estamos diferentes e com força para fazer a mudança acontecer à nossa volta.

Diferentes?

Sim, diferentes porque reganhamos uma nova família - a família Shalom -, e, sobretudo, porque conquistamos “ferramentas” poderosas e um mestre que é o mestre que, dia após dia nos continua a chamar e a pescar para esta grande vivência que é a vivência do Amor de Deus. O mestre é Jesus, um Jesus amigo, companheiro e que nos conduz às grandes obras, as obras movidas pelo amor a Deus e, por conseguinte, ao próximo.

Fico mesmo com vontade de viver Shalom...

E fazes muito bem. Agora, depois da vivência que 19 jovens passaram na maravilhosa ilha das Flores, mesmo por entre ventos e marés, só poderemos rezar para que estes jovens possam, confiando que Deus tem tudo previsto e preparado, viver, totalmente, este grande amor que nos impele a sermos mais e melhores para os outros, o Amor de Deus.

Amigo obrigado por mais esta troca de ideias e até um dia destes...

Adeus e fica atento às novidades que irão aparecer neste espaço de afetuosidade.